

ALENCAR POR MACHADO¹

Angela Gutiérrez

A que vem Alencar?

A que vem Alencar, poderão perguntar os ouvintes, em evento que rememora e homenageia Machado de Assis cem anos passados da morte do escritor fluminense? Certamente não vem como intruso nessa festa, tantas vezes antes convidado para frequentar as páginas machadianas de crítica, crônica, correspondência, discursos..., às vezes através da pena da melancolia e sempre com a pena do respeito e do afeto.

Dois meninos e seus destinos

No ano de 1839, no Rio de Janeiro, na mesma cidade da Corte onde um pequeno príncipe esperava, no Palácio de São Cristóvão, o momento de subir ao trono, nascia, em 21 de junho, no Morro do Livramento, um menino mulato que recebeu o nome de Joaquim Maria, e os sobrenomes Machado, herdado da mãe, Maria Leopoldina, portuguesa dos Açores, e Assis, do pai, Francisco José, pintor e dourador. Talvez, ao levá-lo à pia batismal, sua madrinha, Dona Maria José de Mendonça Barroso, na quinta de quem o pai do menino fora agregado, tenha olhado com olhos piedosos a criança mestiça, de futuro pouco promissor. A genialidade do menino pôde mais e transformou-o, anos mais tarde, no escritor Machado de Assis, soberano da literatura brasileira do final do século XIX e início do século XX.

No mesmo ano de 1839, na casa de seu pai, à Rua do Conde, outro menino, nos seus dez anos, cumpridos no dia 1º de maio, lia romances para a mãe, D. Ana Josefina, e para outras senhoras da família que teciam e bordavam, em torno a uma mesa iluminada por lampião. O menino Cazusa, que chegara recentemente da província do Ceará, onde nasceu, tinha o nome do pai, José Martiniano de Alencar, rebelde

¹ Conferência pronunciada no Ciclo de Conferências Centenário de Machado de Assis, na Academia Cearense de Letras, em 2008.

da Revolução de 1817 e da Confederação do Equador, em 1824, posteriormente, presidente da Província do Ceará e que reunia o grupo da Maioridade, tramando levar ao trono, antes do prazo previsto, o menino Pedro de Alcântara, herdeiro do Império do Brasil. Enquanto o menino Cazuzza lia, na mesma casa, os conspiradores tomavam chocolate e decisões políticas em outra sala. O futuro que seus pais esperavam para o menino concretiza-se: será bacharel em Direito, entrará na política, eleger-se-á deputado e chegará a Ministro do Segundo Império. Que se dedique à literatura, embora possivelmente não estivesse nos planos da família, é aceitável em um clã de famosa rebeldia.

Encontro na cena literária e jornalística: presença de Alencar nos textos de Machado

Os dois meninos, Cazuzza e Quincas crescem e nos anos cinquenta do século XIX, quando reina Pedro II que fora o menino imperial, aparecem na cena jornalística e literária da Corte como José de Alencar e Machado de Assis. Serão respeitados como os melhores narradores do Brasil do Segundo Império e, especialmente, da Cidade do Rio de Janeiro.

Dois homens que vivem na mesma cidade, de diferentes origens e igual vocação para as letras, encontram-se um dia: respeitam-se e se tratam com afeto. O mais novo, Machado, deslumbra-se com a figura do autor de *O guarani*, como conta em discurso proferido na cerimônia do lançamento da pedra fundamental da estátua de Alencar:

Quando entrei na adolescência, fulgiam os primeiros raios daquele grande engenho; vi-os depois com tanta cópia e com tal esplendor que eram já um sol, quando entrei na mocidade. Gonçalves Dias e os homens de seu tempo estavam feitos; Álvares de Azevedo, cujo livro era a *boa-nova* dos poetas, falecera antes de revelado ao mundo. Todos eles influíam profundamente no ânimo juvenil que apenas balbuciava alguma cousa; mas a ação crescente de Alencar dominava as outras. A sensação que recebi no primeiro encontro pessoal com ele foi extraordinária; creio ainda agora que não lhe disse nada, contentando-me de fitá-lo com olhos assombrados do menino Heine ao ver passar Napoleão. A fascinação não diminuiu com o trato do homem e do artista” (A estátua de José de Alencar. *Páginas Recolhidas*, OC, v.II, p.624)²

² Machado de Assis. *Obras Completas*. Organizada por Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Aguilar Editora, 1974, 3 volumes. Daqui em diante, as referências a esta obra serão indicadas entre parênteses, após a citação, pelas

Ao escrever sobre a morte de Garnier, o famoso livreiro francês da Rua do Ouvidor, em 1893, Machado lembra que, em sua livraria encontrava-se com Alencar: “ali travamos nossas relações literárias. Sentados os dous, em frente à rua, quantas vezes tratamos daqueles negócios de arte e poesia, de estilo e imaginação, que valem todas as canseiras deste mundo” ³(Garnier. *Páginas Recolhidas*. OC, v.II, p.654)

Tendo acompanhado a enfermidade que levaria Alencar à morte, Machado conta, em prefácio ao romance *O guarani*, no 30º ano de sua publicação (a obra não chegou ao último fascículo):

Lembram-me ainda algumas manhãs, quando ia achá-lo nas alamedas solitárias do Passeio Público, andando e meditando, e punha-me a andar com ele, e a escutar-lhe a palavra doente, sem vibração de esperanças, nem já de saudades. Sentia o pior que pode sentir o orgulho de um grande engenho: a indiferença pública, depois da aclamação pública. Começara como Voltaire e acabara como Rousseau. E baste só um cotejo. A primeira de suas comédias, *Verso e Reverso*, obrzinha em dois atos, representada no antigo Ginásio, em 1857, excitou a curiosidade do Rio de Janeiro, a literária e a elegante; era uma simples estréia. Dezoito anos depois, em 1875, foram pedir-lhe um drama, escrito desde muito, e guardado inédito. Chamava-se *O Jesuíta*, e ajustava-se fortuitamente, pelo título, às preocupações maçônico-eclésiásticas da ocasião; nem creio que lho fossem pedir por outro motivo. Pois nem o nome do autor, se faltasse outra excitação, conseguiu encher o teatro, na primeira, e creio que única, representação da peça. ([José de Alencar: *O Guarani*]. OC, v. III, p. 924)

Recordando seus sentimentos no dia 12 de dezembro de 1877, diante do grande homem morto, escreve: “Daí o espanto da morte. Não podia crer que o autor de tanta vida estivesse ali, dentro de um féretro, mudo e inábil por todos os tempos dos tempos. Mas o mistério e a realidade impunham-se; não havia mais que enterrá-lo e ir conversá-lo em seus livros. (A estátua de José de Alencar. *Páginas Recolhidas*, OC, v.II, p.624)

iniciais OC, seguidas, do número de volume e da página.

3 Como não lembrar aqui o precioso texto de Eneida Maria de Souza – “O homem da porta da Garnier, incluído em sua coletânea *Traço crítico*. Rio: Editora UFRJ; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1993, p.125-133), em que, a partir do mesmo artigo de Machado, trata da importância da Livraria Garnier na vida literária do Rio e, especialmente, de Machado.

Em 1887, em já mencionado prefácio ao romance *O guarani*, Machado retoma a questão da indiferença e da morte sob outro ângulo, quando diz: “Um dia, respondendo a Alencar em carta pública, dizia-lhe eu, com referência a um tópico da sua – que ele tinha por si, contra a conspiração do silêncio, a conspiração da posteridade”. E mais adiante: “Há dez anos apenas que ele morreu; ei-lo que renasce para as edições monumentais, com a primeira daquelas obras, tão fresca e tão nova, como quando viu a luz, há trinta anos [...]. é a conspiração que começa.” ([José de Alencar: *O Guarani*]. OC, v.III, p.922)

As citações de Machado que aqui foram lembradas e que são apenas amostras das muitas vezes em que, ao longo da vida, escreve sobre Alencar, falam por si mesmas, revelando, durante a vida de Alencar, o respeito pela obra e a afeição pelo homem, a quem acompanha nos momentos de glória e nos de desilusão; e morto Alencar, a preocupação com a perpetuidade do nome e da obra do escritor que, em suas palavras, “teve em mais alto grau a alma brasileira”. (*A estátua de José de Alencar.. Páginas Recolhidas*. OC, v.II, p.625)

Presença da obra alencariana nos textos de Machado:

O texto mais famoso de Machado sobre a obra de Alencar é a revista, como se chamava então a resenha, que escreve sobre *Iracema*, na “Semana Literária”, seção do *Diário do Rio de Janeiro*, em 23 de janeiro de 1866. No entanto, é longa e variada a bibliografia machadiana sobre o autor cearense e Machado foi um dos mais assíduos críticos de Alencar, a quem sempre devotava respeito literário, analisando e, quase sempre, aplaudindo, as peças teatrais e os romances de Alencar, no momento de suas encenações e lançamentos.

Em 1860, na estréia do drama *Mãe*, de Alencar (que o cearense encena sob pseudônimo), diz Machado na seção “Revista Dramática” do *Diário do Rio de Janeiro*:

... desde que levantou o pano o público começou a ver que o espírito dramático, entre nós, podia ser uma verdade. E, quando a frase final caiu esplêndida no meio da platéia, ela sentiu que a arte nacional entrou em um período mais avantajado de gosto e de aperfeiçoamento.

Esta peça intitula-se *Mãe*.

Revela-se à primeira vista que o autor do novo drama conhece o caminho mais curto do triunfo: que, dando todo o desenvolvimento à fibra da sensibilidade, praticou as regras e as prescrições da arte sem dispensar as sutilezas da cor local” [...] A noite foi de regozijo para aqueles que, amando a civilização pátria, estimam que se faça tão bom uso da língua que herdamos. Oxalá que o exemplo se espalhe”. (A Crítica Teatral. José de Alencar: *MÃE*. Revista Dramática, seção do DR, 29 mar.1860. OC, v.III, p.838 e 840)

Na seção, “Semana Literária”, em 9 de janeiro de 1866, comenta o lançamento da lenda do Ceará:

Iracema foi lida, foi apreciada mas não encontrou o agasalho que uma obra daquelas merecia. Se alguma vez se falou na Imprensa a respeito dela, mais detidamente, foi para deprimi-la; e isso na própria província que o poeta escolhe para teatro do seu romance. Houve, na Corte, quem se ocupasse igualmente com o livro, mas a apreciação do escritor, reduzida a uma opinião isolada, não foi suficiente para encaminhar a opinião e promover as palmas a que o autor tinha incontestável direito. Ora, se depois dessa prova, o Sr. Conselheiro José de Alencar atirasse a sua pena a um canto, e se limitasse a servir ao país no cargo público que ocupa, é triste dizê-lo, mas nós cremos que a sua abstenção estava justificada. Felizmente, o autor d’*O Guarani* é uma dessas organizações raras que acham no trabalho sua própria recompensa, e lutam, pelo menos no presente, do que pelo futuro, *Iracema*, como obra do futuro há de viver, e temos fé de que será lida e apreciada, mesmo quando muitas das obras que estão hoje em voga, servirem apenas para crônica bibliográfica de algum antiquário paciente. (OC, v.III, p.841-842)

Duas semanas depois, na mesma seção do *Diário do Rio de Janeiro*, publica a crítica consagrada, (Semana Literária, 23 jan. 1866. OC, v.III, p.848-852) da obra *Iracema*. Nela, o jovem Machado de Assis, depois de defender a “poesia americana”⁴ – “é que se podia tirar dali criações originais, inspirações novas” – permite-se comparar uma cena de *Natchez* a outra de *Iracema* - a reação do personagem ao saber que será pai: “A cena é bela, decerto: é Chateaubriand que fala; mas a cena de *Iracema* aos nossos olhos é mais feliz.”

4 No sentido de literatura inspirada na natureza e nos habitantes nativos da América.

Não posso furtar-me a aqui trazer as palavras proféticas com que Machado saudou a publicação de *Iracema*, ao final de seu estudo crítico, embora já tantas vezes repetidas em mais de 140 anos desde que foram escritas: “poema lhe chamamos a este, sem curar de saber se é antes uma lenda, se um romance: o futuro chamar-lhe-á obra-prima”.

Pouco tempo depois, em março do mesmo ano, Machado dedica três artigos seguidos (dias 6, 13 e 27), ainda na seção “Semana Literária”, ao teatro de José de Alencar:

Dos recentes poetas dramáticos [...] é o Sr. José de Alencar um dos mais fecundos e laboriosos. Estreou em 1857, com uma comédia em dois atos, *Verso e Reverso*. [...] foi o prenúncio; não é decerto uma composição de londo fôlego; é uma simples miniatura, fina e elegante, uma coleção de episódios copiados da vida comum, ligados todos a uma verdadeira idéia de poeta [...] *Verso e Reverso* não era ainda a alta comédia, mas era a comédia elegante; era a sociedade polida que entrava no teatro, pela mão de um homem que reunia em si a fidalguia do talento e a fina cortesia do salão.

A alta comédia surgiu logo depois, com *Demônio Familiar*. Essa é uma comédia de maior alento; o autor abraça aí um quadro mais vasto”. (Semana Literária, 6 mar. 1866. OC, v.III,p.871)

E, mais adiante:

Não supomos que o Sr. Alencar dê às suas comédias um caráter de demonstração; outro é o destino da arte; mas a verdade é que as conclusões d’ *O Demônio Familiar*, como as de *Mãe*, têm um caráter social que consolam a consciência; ambas as peças, sem saírem das condições da arte, mas pela própria pintura dos sentimentos e dos fatos, são um protesto contra a instituição do cativoiro”. (Semana Literária, 6 mar. 1866. OC, v.III,p.872)

Comenta, ainda, *As asas de um Anjo*, em que esclarece suas discordâncias com alguns pontos da peça: “A nossa divergência é de ponto de vista; pode a verdade não estar da parte dele; mas qualquer que seja a maneira porque encaremos a arte, há de encarar o talento do autor” (Semana Literária, 13 mar. 1866. OC, v.III, p.874), demonstrando que sua divergência era moral e não artística.

Analisando *O que é o casamento*, depois de alguns pequenos reparos quanto ao enredo, comenta: “a peça do Sr. J. de Alencar é das mais dramáticas e das mais bem concebidas do nosso teatro. O talento do autor, valente de si, robustecido pelo estudo, conseguiu conservar o mesmo interesse, a mesma vida, no meio de uma situação de uma situação sempre igual, de uma crise doméstica, abafada e oculta”: (*Semana Literária*, 27 mar. 1866. OC, v.III, p.878).

Muitos anos depois, em 1887, em prefácio ao romance *O guarani*, já citado, Machado, mais uma vez, relembra a morte do escritor cearense e reafirma a permanência de sua obra:

A morte veio tomá-lo depressa. Jamais me esqueceu a impressão que recebi quando dei com o cadáver de Alencar no alto da essa, prestes a ser transferido para o cemitério. O homem estava ligado aos anos das minhas estréias. Tinha-lhe afeto, conheci-a- o desde o tempo em que ele ria, não me podia acostumar à idéia de que a trivialidade da morte houvesse desfeito esse artista fadado para distribuir a vida.[...] A posteridade dará a este livro o lugar que definitivamente lhe competir. [...] O autor de *Iracema* e *d’O guarani* pode esperar confiado. Há aqui mesmo uma inconsciente alegoria. Quando o Paraíba alaga tudo, Peri, para salvar Cecília, arranca uma palmeira, a poder de grandes esforços. Ninguém ainda esqueceu essa página magnífica. A palmeira tomba. Cecília é depositada nela, Peri murmura ao ouvido da moça: Tu viverás e vão ambos por ali abaixo, entre água e céu, até que se somem no horizonte. Cecília é a alma d grande escritor, a árvore é a pátria que a leva na grande torrente dos tempos. Tu viverás. (José de Alencar: *O Guarani*]OC, v.III, p.925-926)

A mesma metáfora da vida póstuma de Alencar, através de suas obras, está presente em texto já citado – seu discurso proferido na cerimônia de lançamento da primeira pedra da estátua de Alencar:

Agora que os anos vão passando sobre o óbito do escritor, é justo perpetuá-lo, pela mão do nosso ilustre estatuário nacional. Concluindo o livro de *Iracema*, escreveu Alencar esta palavra melancólica: A jandaia cantava ainda no olho do coqueiro, mas não repetia já o mavioso nome de *Iracema*. Tudo passa sobre a terra,” Senhores, a filosofia do livro podia ser outra m, mas a posteridade é aquela jandaia que não deixa o coqueiro, e que ao contrário da que emudeceu na novela,

repete e repetirá o nome da linda tabajara e do seu imortal autor. Nem tudo passa sobre a terra. (A estátua de José de Alencar.. *Páginas Recolhidas*, OC, v.II,p.625)

Mais de dez anos depois, em 1898, Machado, em carta a Mário de Alencar, filho do romancista, retorna à idéia de permanência de Alencar, também como modelo na vida: “A sua carta é ainda a voz de seu pai e foi bom citar-me o exemplo dele; é modelo que serve e fortifica”. (OC, v.III, p.1043)

As citações aqui lembradas, que pecam, talvez, por abundantes e longas, mostram, à saciedade, que Machado mantém, da adolescência à velhice, atando as duas pontas da vida, sua fascinação por Alencar aliada à contrariedade com os caprichos da cena cultural do seu tempo que, depois de entronizar Alencar, promovendo o sucesso de seus romances, comédias e dramas, destrona-o, através da “conspiração do silêncio”.

Se essas citações permitem dar por comprovado o sentimento de fascinação por Alencar que acompanha o escritor fluminense na vida pública e na intimidade, suscitam muitas outras questões aqui não respondidas. Entre elas: como conciliar o traço de admiração a Alencar – o escritor de linguagem exuberante, cultor da natureza e do amor cortês, que melhor representa a ficção romântica no Brasil - ao perfil consolidado de Machado como o sutil demolidor do romantismo e das instituições morais e sociais que esse estilo representa?

Mesmo considerando a pertinência dos desdobramentos dessa reflexão, ela já não cabe nos limites desta apresentação, que se quer apenas, nesse momento, como trama narrativa de esparsos textos machadianos que expõem a relação amistosa entre os dois expoentes da literatura brasileira do século dezenove, quase sempre colocados em confronto ou considerados como antípodas pelos estudiosos de suas obras.